

## AS NARRATIVAS DE ADOECIMENTO DAS PROFESSORAS DAS INFÂNCIAS DURANTE A PANDEMIA

ERIKA LEITE CARDOSO<sup>1</sup>; MAIANE LIANA HATSCHBACH OURIQUE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Erika Leite Cardoso – erikaaleitee@gmail.com

<sup>2</sup>Maiane Liana Hatschbach Ourique – maianeho@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo trata sobre o trabalho das docentes da Educação Infantil durante a pandemia de Covid-19, para isso foi realizado um mapeamento de artigos através no periódicos CAPES para compreender quais narrativas de adoecimento são retratadas. Com isso, temos como objetivo entender qual a força motriz destas narrativas, percebendo como os indícios de uma justiça interrompida e de falta de reconhecimento se expressam como um anseio e adoecem as docentes. Sabemos que, no período pandêmico, a docência foi uma categoria profissional carente de reconhecimento, do direito de ter sua vida preservada e enlutável (BUTLER, 2021).

Ainda, podemos vislumbrar que, na interface dessa precarização da vida e do trabalho docente, há uma lógica que diz respeito à própria organização da sociedade, permeada por um excesso de produtividade e positividade (HAN, 2015). Honneth (2018) utiliza o termo “reificação” para falar da ausência de reconhecimento e da própria destituição do humano. Com isso, percebe-se este momento da pandemia como um pressuposto para implementação de um modo vida cada vez mais reificado, em que perdemos os parâmetros das relações humanas e emergimos nesta lógica do esgotamento, causada pelo excesso de produtividade, como nos elucida Han (2015).

Para realizar tal discussão, temos como suporte o pensamento de Honneth (2009), Silveira e Córdova (2009), Han (2015), Honneth (2018), Butler (2021) e Fraser (2022), que nos guiam para compreender como e de que maneira há presentificado nas narrativas docentes a falta ou a ausência de reconhecimento.

### 2. METODOLOGIA

A atual pesquisa faz o uso de uma abordagem qualitativa, por dialogar com as crenças, valores e atitudes dos sujeitos, correspondendo a um espaço mais profundo das relações e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009). Possui um caráter exploratório, uma vez que pretendemos investigar as narrativas das docentes por meio de um levantamento bibliográfico de artigos realizado através do periódicos CAPES.

A ideia de pesquisa emerge das discussões realizadas no grupo de pesquisa Laboratório de Formação e Estudos da Infância (Labforma/UFPel/CNPq), bem como os estudos possibilitados pela bolsa de Iniciação à Pesquisa (PIBIC/CNPq). Para abranger tal ideia, foi traçado um caminho para que chegássemos a artigos que trouxessem relatos das docentes das infâncias sobre seus respectivos trabalhos durante a pandemia. Para isso, em um primeiro momento, foi realizado uma breve pesquisa no periódicos CAPES e na SciELO para realização do mapeamento e usado como descritores as palavras “*Trabalho docente*”, “*Educação Infantil*” e

**“Pandemia”.** No entanto, como não foi encontrado nenhum trabalho na SciELO com os presentes descritores, nossa pesquisa se centrou apenas no periódicos CAPES e neste foi encontrado um montante de 46 trabalhos, distribuídos entre: 3 editoriais; 1 resenha; e 42 artigos. Destes, 4 aparecem repetidos, outros 4 com os links corrompidos, 3 links não encontrados via periódicos CAPES, 3 em espanhol e 4 que não eram da área da Educação Infantil. Como critério de (in)exclusão foi estabelecido que os trabalhos fossem artigos científicos, publicados entre 2020 a 2023, que fossem em português, da área da Educação Infantil e retratassem o período pandêmico de Covid-19. A partir disso, foram lidos os resumos dos trabalhos e, ao todo, foram selecionados 11 artigos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a pandemia, visualizamos uma massificação do trabalho docente, em especial das professoras das infâncias. O momento imposto pela pandemia de Covid-19 trouxe vários questionamentos e incertezas, tanto no que diz respeito à vida, quanto no trabalho e, com esse horizonte estabelecido, se tornou alarmante a pergunta de como ser professora das infâncias no período pandêmico. Tais fatos evidenciados ganharam força quando nos debruçamos sobre as demandas, atribuições e obrigações impostas às professoras e que se traduziram em adoecimento. Nesse sentido, temos como objetivo compreender as narrativas das professoras das infâncias, pensando nas formas e modos de precarização e violências sofridas em meio a pandemia. E, em que medida, a lógica da sociedade do cansaço e da produtividade rodearam o terreno da docência (HAN, 2015).

Quando olhamos para os trabalhos investigados apareceram diferentes modos de precarização da docência, tanto no que se refere às estruturas e condições de trabalho, quanto às próprias atribuições que precisaram desenvolver, que se mostraram extrapolando o que deveria ser o seu papel. Se tornou evidente a fragilidade das professoras, não só pelo momento que se colocava, mas também por se verem pressionadas a suprir uma série de demandas com as famílias, com as crianças, com a escola e com as mantenedoras, isso para além de dar conta de suas próprias questões da vida pessoal, que parece ter sido esquecida, como se não fosse suficientemente importante e passível de maior atenção. Ou seja, não há somente expresso aqui uma precarização do trabalho docente, mas há também uma precarização da vida. Butler (2021) evidencia a ideia de uma vida não enlutável, passível de ser descartada e facilmente exposta a forças destruidoras, ou seja, não digna de ser preservada. Podemos aproximar essa ideia do campo da docência, já que às professoras foi atribuído o papel de salvaguardar as vidas das famílias, das crianças e tantas outras, mas a elas foi reservado a etiqueta dos inelutáveis, da negação de direitos à vida, da ausência de reconhecimento. Mesmo que tais violências fossem presentes anteriormente a pandemia, as professoras sujeitas a essas degradações, tinham uma espécie de apoio entre seus pares, havia reconhecimento. No entanto, a pandemia com a perda da proximidade, com o distanciamento social, fez com que esses encontros de escuta e de desabafo se esvaíssem, isso foi fortemente marcado nos artigos mapeados, o que por si só tornou a docência neste período mais solitária.

Pensando nas questões da sobrecarga de trabalho, os artigos indicam que uma das grandes questões colocadas pelas professoras foi a dificuldade do remoto, operando com plataformas e tecnologias muitas vezes desconhecidas e sem

nenhuma ou com uma insegura e insuficiente formação fornecidas pelos órgãos que deveriam amparar as docentes neste momento. As professoras se viram sem apoio e com mais responsabilidades, não só de aprender a trabalhar com as tecnologias impostas, mas também por precisar procurar formações para dar conta das suas necessidades naquele momento. Ainda, vale ressaltar que nenhuma estrutura ou suporte tecnológico foi fornecido a estas professoras, que acabaram precisando utilizar seus próprios recursos para desenvolver seu trabalho.

O ensino remoto, por ter sido caracterizado como emergencial, não havia nenhuma regulamentação e essa falta foi extremamente sentida pela ausência de melhores condições de trabalho para as docentes. Estar conectado era quase um alvará de que se estava disponível o tempo inteiro, foram rompidas as barreiras dos horários de trabalho, não havia uma legislação para garantia desses direitos trabalhistas. Foi identificado nas narrativas das docentes que no domingo ou tarde da noite precisavam auxiliar e responder familiares das crianças, até mesmo dar conta das demandas que as escolas colocavam. Estas questões do ritmo de trabalho que se apossou, do estar disponível a todo momento, dando conta de diferentes coisas, obedecem a uma lógica e sentido de sociedade, a intensa produtividade, que faz com que se perca ou que se haja uma ausência de subjetividade, uma vez que se perde a dimensão do humano e se aproxima as dimensões da máquina (HAN, 2015).

Alinhado ao exposto, foi recorrente nos trabalhos investigados, o aumento das atividades burocráticas a serem realizadas, diferentes professoras relataram que isso se deu, principalmente, como medida para comprovar estarem exercendo suas funções, que de fato estavam trabalhando. Em outras narrativas, foi pontuado que, mesmo fazendo encontros remotos com as crianças, era necessário ir à escola mostrar e comprovar que estavam trabalhando. Isso traz inúmeras reflexões sobre a maneira como a figura da professora era vista, pois parece que a estas foi atribuída uma espécie de inumanidade, como se sua única atribuição fosse dar conta de tudo e todos e, mesmo que isso fosse possível, ainda sim seu trabalho era inferiorizado, na medida em que precisava constantemente se provar e comprovar seu papel. Pensando sobre estas questões, ainda que não tão demarcado como foram evidenciados os dilemas de justiça de reconhecimento, houve também narrativas de justiça interrompida, dos direitos não vistos e validados, portanto, não reconhecidos (FRASER, 2022). Foi evidenciado nas narrativas docentes, que professoras em regime de contratação foram exoneradas de seus cargos durante a pandemia de Covid-19, o que coloca com maior veemência uma narrativa da precarização e, com isso, um adoecimento diante de tais injustiças sociais sofridas, que visam obedecer a uma lógica instaurada socialmente para cumprir uma dita produtividade pregada e pautada pelo capitalismo e pelo modo de vida acelerado.

É interessante pontuar, mesmo que não seja o cerne da pesquisa, que presente nesses artigos há uma forte ideia de professora que abraça tudo e todos, dá conta de tudo que lhes é pedido e imposto mesmo diante do pior dos cenários, como uma profissional da reinvenção, que apesar de tudo teve ganhos. Isso faz com que essas denúncias sobre o mal-estar docente durante a pandemia percam suas forças, como um final feliz quando muitas vezes não foi o que se teve, tivemos professoras que não sobreviveram. Foi percebido um certo apagamento das violências sofridas por essas docentes, quase como uma justificativa para a precarização do seu trabalho. Honneth (2018, p. 198) alerta que “[...] alguém que reifica os seres humanos [...] viola as condições elementares que subjazem ao nosso próprio discurso sobre a moral”. Neste mesmo sentido, há uma contradição

em alguns trabalhos mapeados, pois na medida em que colocam a docência como precarizada, fazem um esforço para indicar que as professoras se reinventaram e, com isso, realocam a docência na própria estrutura que estão se propondo a denunciar.

#### 4. CONCLUSÕES

Nesse sentido, foi entendido, a partir dos artigos mapeados, que ao decorrer do período pandêmico houve uma justiça interrompida, que se traduziu em falta de reconhecimento, de direitos e desrespeito, como nos elucida Fraser (2022). Honneth (2009) evidencia que as experiências de injustiça, desprezo e vergonha, são sintomas da ausência de reconhecimento. Tais sentimentos se expressam nas narrativas docentes, traduzidas em medo, ansiedade e insuficiência por não dar conta de todas as demandas colocadas para si, mesmo que essas sejam violências praticadas pelos órgãos públicos e por demais espaços que deveriam estar, minimamente, dando suporte e não massificando essas professoras.

A ausência de reconhecimento, a sobrecarga e a precarização do trabalho, desencadeou em um extremo cansaço emocional. Han (2015) diz que a sociedade do cansaço gera esgotamento psíquico extremo porque é solitário. E, justamente, se caracteriza o que as professoras das infâncias sofreram durante o período pandêmico. Com isso, este adoecimento é fruto de um processo de carência de reconhecimento e justiça interrompida, tornando-se evidente as necessidades de escuta, acolhimento e, logo, de reconhecimento expressos pelas docentes.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, Judith. **A força da não violência**: um vínculo ético-político. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Editora Boitempo, 2021.
- FRASER, Nancy. Da Distribuição ao Reconhecimento? Dilemas da Justiça na Era Pós-Socialista. In: \_\_\_\_\_. **Justiça interrompida**: reflexões críticas sobre a condição “pós-socialista”. Tradução: Ana Claudia Lopes e Nathalie Bressiani. São Paulo: Editora Boitempo, 2022. (p. 27-57).
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. Tradução: Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2009.
- HONNETH, Axel. **Reificação**: um estudo de teoria do reconhecimento. Tradução: Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: Gerhardt, Tatiana Engel; Silveira, Tolfo Silveira (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. (p. 31-44).